

A SEMANA

CORTE:

Trimestre..... 28000
Semestre..... 48000
Anno..... 88000

Publica-se aos Sabbados

DIRECTOR — VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — TRAVESSA DO OUIDOR, 36, SOBRADO

PROVINCIAS:

Semestre..... 48000
Anno..... 88000

Numero avulso 100 rs.

Não se restituem originaes, embora não publicados.

Numero atrasado 200 rs.

SUMMARIO

Ao Sr. Conselheiro Dantas — Historia dos sete dias — Politica e politicos; *Ambrozio Severo* — Projecto Saraiva — Verdades politicas; *Luiz Murat* — Questão litteraria — Um homem gasto, por *L. L.* — O Dr. Luiz Delfino e a poesia nacional; *Luiz Murat* — Os sapatinhos azues, conto infantil; *Julia Lopes* — Cofre das graças; *Bibiano* — Ernesto Renan e Michelet; *Th. de Banville* — A' tardinha; *Monteiro Ramalho* — Gazetilha litteraria — A vida elegante; *Lorynon* — Theatros — Mattos, Malta ou Matta? romance — Tratos á bola; *D. Pastel* — Recebemos — Correio — Anuncios.

A SEMANA

Ao Sr. conselheiro Dantas

A redacção d'A *Semana* saúda o ministerio 6 de Junho na pessoa do eminente estadista brasileiro o Exm. Sr. conselheiro Manoel Pinto de Souza Dantas, pela sua fulgorosissima queda.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Rio, 9 de Maio de 1885.

Ninguém imagina as delicias que nos proporciona sempre o trabalho de escrever a *historia dos sete dias*.

Principalmente quando os sete dias não têm historia e dos insignificantes factos occorridos temos ainda de excluir os de character politico, que são remetidos para a secção especial do nosso *Ambrozio Severo*, onde elle assombra os leitores com a facundia do seu dizer e a rectidão dos seus juizos.

Esta semana, porém, é excepcional. A politica invadio-a e assoberbou-a, entrou-lhe triumphante pela segunda-feira, vagou por Petropolis, desceu, discutio na terça, fez ministerio na quarta, tornou a discutir na quinta e publicou projecto na sexta-feira.

Hoje, sabbado, é dia feriado para o parlamento, mas os echos da politica effervescente repercutem ainda pelas montanhas da discussão popular.

Fallemos, pois, um pouco de politica... ou de politicos.

O velho e pittoresco conselheiro José Bento, quando ministro, nas difficuldades da sua pasta appellava sempre para a Divina Providencia. Este facto calou no animo descrente e sceptico do imperador, de tal maneira, que hoje, quando S. Magestade tem qualquer aperto politico, quando lhe dóe o calo constitucional, ou quando se lhe revolta o ventre parlamentar, S. Magestade appella para a Providencia que julga compativel com o seu espirito de philosopho e com as suas creanças de pensador.

Esta providencia tomou na terra a fórma de um homem alto, de amplo torax, olhos garços, barba á particular, sobrecasaca preta e chapéo do Chili, que dá para os profanos pelo nome de conselheiro Saraiva, ministro omnipotente, omnisciente e absoluto; infallivel como o Papa; perfeito como Deus-padre; grande como Alah; justo como Christo e honrado como Catão! Prodigio despenhado da via-lactea sobre a Bahia; intemerato, impoluto, immaculado, — contrastando fortissimamente com a recua de bandidos, de impuros, de deshonestos e de incapazes que têm sido ministros no segundo reinado!

E com o Imperador todo o paiz se admira de que o Sr. Saraiva seja um homem honrado!

Pobre cidadão honesto! não seremos nós que te invejaremos a admiração publica pelo cumprimento do mais comensinho dever civil.

Não! quando nós não conseguirmos pelo nosso trabalho, pelo merito do nosso espirito e da nossa intelligencia, pelo valor das nossas obras, e pela imposição dos nossos esforços em prol do bem publico — ser admirados e louvados, rejeitaremos dignamente a admiração exclusiva pela nossa honradez, pois que acaital-a é declarar tacitamente e implicitamente que todos os outros cidadãos a quem estendemos a nossa não lealmente são deshonestos e são deshonorados!

Não! amigo Publico, não queremos a tua admiração por tal preço. E' muito mesquinha e futil a gloria do Sr. Saraiva.

Em todo caso, como todo o paiz admira o Sr. Saraiva como homem honrado, e o julga uma rara excepção neste sentido, mas como ha muitissima gente que não conhece, que nunca vio o illustre presidente do conselho e que deseja conhecê-lo e vê-lo, nós lembramos a seguinte idéa — se effectivamente o Sr. Saraiva está disposto a fazer algum sacrificio em favor da abolição dos escravos:

Aluga-se uma loja na rua do Ouvidor, forra-se de panno vermelho, muito bem forradinha, colloca-se uma cadeira ao fundo e o Sr. Saraiva presta-se a estar sentado nessa cadeira duas ou tres horas por dia, em exposição, — a tostão por cabeça.

E quem não tiver cabeça não paga nada.

A affluencia de curiosos será enorme e o resultado das entradas reverterá para o fundo de emancipação.

Como toda a gente deseja vêr neste paiz um homem honrado, dentro de seis mezes o fundo de emancipação dará para libertar todos os captivos e ainda subejará para charutos.

E' uma idéa. Seja ou não seja aproveitada — ali fica.

No sabbado andou a roda da grande loteria da provincia. Sahiu a *grande*, 400 contos, ao n. 140713 e a *immediata*, 150 contos, ao n. 88198. A provincia teve com esta loteria um prejuizo de cerca de trezentos contos.

Bem feito! Nós tambem perdemos o rico dinheirinho que fundimos em decimos.

Bem feito.

— O Sr. C. Alvim, presidente da provincia do Rio, auctorisa por portaria a directoria das obras publicas a contractar o abastecimento de agua potavel á cidade de Nitheroy; sendo o capital garantido de 5.000.000\$ para 8.000.000 litros de agua que será tomada nas cachoeiras altas do rio Macacú.

Se o nosso governo tambem arranjasse um meio de nos dar agua sufficiente...

E' tão pouca a que existe nos depositos que já não ha pressão que a faça subir aos primeiros andares. Não havendo agua tornam-se inuteis todos os trabalhos de hygiene a que se tem dado a benemerita juncta actual.

Com a agua pela hora da morte — não ha banhos, e sem banhos começará feroz e incoercivel a invasão dos microbios, e lá vamos nós encher tambem as columnas do obituario.

Cruzes!

— Foi assignado o contracto entre a Directoria da E. F. Pedro II e os Srs. Morris Kohn e Evaristo Juliano de Sá, para o estabelecimento de carros-botequins, denominados — Fornecedor ambulante — nos trens d'aquella estrada.

Nos mesmos carros serão tambem vendidos jornaes, livros e cigarros.

Bem hom. Acabam-se as pressas nas estações, onde muitas vezes a gente, com a atrapalhação, entorna o café na camisa, escalda-se, paga-o e não o toma.

— Telegramas do Paraná dizem que o chefe de policia Leão Velloso Filho descobriu uma quadrilha de ladrões, cujo chefe, nas horas vagas, dáva-se ao trabalho honrado de fabricar notas falsas.

Sempre era muito tolo, o tal individuo. Ganharia muito mais se as fabricasse verdadeiras.

— Já foi tambem assignado o contracto para a limpeza da Lagoa de Rodrigo de Freitas.

— A respeito dos ultimos acontecimentos occorridos no consulado geral de Portugal, n'esta côrte, diz uma folha portugueza que o governo d'aquelle paiz ia enviar um funcionario para examinar a escripturação, não só do consulado do Rio de Janeiro, como de todos os consulados portuguezes no Brazil. Accrescenta a mesma folha que esse funcionario é o Sr. Eça de Queiroz.

DIA 4. A *Gazeta* publica um excellente artigo sobre a *divisão da propriedade rural* em pequenos lotes, que o Banco Predial resolveu fazer para vender a pequenos proprietarios.

Os seguintes topicos, que transcrevemos dão idea do importante assumpto:

« O Banco Predial, dividindo as suas fazendas em lotes, construindo rudimentos de aldeias em pontos centraes dos ditos terrenos, e vendendo a prazo uma casa e um lote rural a quem se apresentar para o comprar, sem differença de nacionalidade, faz não só optima transacção mercantil, como presta relevante serviço a um proletariado avido de propriedade, quer elle tenha nascido aquem ou alem das nossas fronteiras politicas.

« Applicando exactamente á pequena propriedade rustica o processo que usa para com a propriedade urbana, salvo as modificações exigidas pelas circumstancias, os seus terrenos terão compradores e a receita não será pequena com este novo processo em relação ao trabalho agricola. »

— A convite da confederação abolicionista ha no largo da Lapa um meeting a que assistem cerca de trez mil pessoas. Fallaram os Srs. João Clapp e Dr. José Mariano, que convidou o povo a fazer uma grande manifestação ao gabinete 6 de Junho. Usaram ainda da palavra outros cavalheiros.

Dia 5. Noticiam as folhas o roubo de uma creança, que dias depois appareceu. A policia procede a averiguações para descobrir a criminosa, que se sabe ser uma parda.

Dia 6. Vem á imprensa o Sr. Amarillo de Vasconcellos queixar-se do Sr. Carneiro da Rocha, ex-ministro da agricultura, por o ter aquelle ministro demittido com a clausula—a bem do serviço publico. Faz no seu artigo insinuações que deveria explicar amplamente, assim como o Sr. ex-ministro deveria explicar o seu acto, que pôde de alguma fórma desacreditar um funcionario superior e considerado.

Dia 7. Reaviva-se a defuncta—questão Malta—com a pronuncia do Sr. José Calmon contra o Sr. Felix da Costa.

Veremos em que fica o processo e se effectivamente ainda ha juizes.... em Berlim.

— Casou-se na matriz da Gloria o Sr. commendador Luiz de Faro Oliveira com a Exma. Sra. D. Eliza Paranhos.

Foi celebrante monsenhor Honorato, servindo de testemunhas, por parte da noiva a Exma. Sra. D. Anna Paranhos e o Sr. Manoel de Miranda Castro, e por parte do noivo os Srs. commendadores Luiz Augusto da Silva Canedo e José João Martins de Pinho.

O Sr. Faro é o conhecido livreiro-editor, socio da firma Faro & Nunes.

Dezemos-lhe todas as venturas de que é digno, e que as suas edicções continuem a ser nitidas e bellas como até agora.

Nada mais havendo a tratar, encerra-se a secção.

Até sabbado.

POLITICA E POLITICOS

Já não existe o ministerio 6 de Junho. Cahio circundado das aclamações de um povo inteiro, que lhe tinha confiado a realisação da sua mais elevada aspiração—a reforma do elemento servil.

Determinou a queda do gabinete uma moção de desconfiança apresentada pelo Sr. A. de Siqueira á camara.

S. Ex. formulou a sua moção em virtude da manifestação de desgosto de que foi victima.

No dia 4, depois de se encetarem os trabalhos da temporaria, o Sr. A. de Siqueira pediu a palavra para communicar á camara que tinha sido desacatado pelo povo.

S. Ex. ainda que dissesse que nenhum

apreço dava á arruaça, em todo caso só se pôde explicar a sua passagem para a dissidencia pelas vaias com que o povo o recebeu á sahida do recinto da camara.

Já vêem todos que as vaias têm alguma significação e que pesam não só na balança das opiniões politicas do Sr. A. de Siqueira, como até na dos *bibianos* dynasticos.

A moção, formulada nos seguintes termos: « A camara dos deputados, convicta de que o ministerio não pôde garantir á ordem e a tranquillidade publica indispensaveis para a solução da questão do elemento servil, nega-lhe o seu apoio e passa á ordem do dia », foi approvada por 52 votos contra 50.

Pelo pensamento que envolve a moção é facil de deduzir a sua causa original. O apuro irritou o deputado pernambucano, este pretextando que a ordem publica estava alterada e vendo nas vaias de que foi alvo um motim ou uma sedicção com caracter de generalidade (Como são curtas as vistas de S. Ex.!) formulou a sua moção, cujo resultado foi a derrota do ministerio, cobardemente atacado pelos dissidentes colligados com os conservadores.

O illustre ex-presidente do conselho immediatamente foi depor nas mãos de S. Magestade a demissão do gabinete.

E este rei, que parecia querer coadjuvar a idea que o ministerio tão nobremente encarnou na sua bandeira, acceitou a demissão e chamou para organizar novo gabinete o Sr. Saraiva.

O ministerio ficou assim constituido: Presidente do conselho e ministro da fazenda—o conselheiro José Antonio Saraiva.

Ministro do Imperio—conselheiro Meira e Vasconcellos.

Ministro da justiça—conselheiro Afonso Penna.

Ministro da agricultura—conselheiro Ferreira de Moura.

Ministro dos negocios estrangeiros—visconde de Paranaguá.

Ministro da marinha—senador Luiz Felipe.

Ministro da guerra—deputado Eleuterio Camargo.

Segundo nos consta o ministerio só se apresentará ao parlamento na segunda-feira.

*

No dia 6 houve uma reunião dos conservadores no Hotel do Globo afim de resolverem qual a attitude d'esse partido perante o novo gabinete.

Ficou resolvido, depois de uma larga discussão, que a sua attitude seria uma attitude moderadora e pacifica.

Esperamos ansiosamente as idéas do novo ministerio, certos de que o Sr. Saraiva, que já deve estar ao facto da opinião popular sobre a questão servil, não virá prejudicar ou protrahir os interesses geraes de uma nação, formulando um programma que em vez de pacificar a exaltação do publico, augmente-a ainda mais, a ponto d'elle impôr pela violencia a obra de reorganisação tão energicamente iniciada pelo emerito estadista que acaba de deixar o governo.

AMBROZIO SEVERO.

PROJECTO SARAIVA

Diz o *Journal do Commercio* de hon-tem:

ESTADO SERVID.—Sabemos que se acha em estudo no ministerio um projecto de reforma do estado servil, contendo as seguintes idéas capitaes:

I—Nova matricula dos escravos, na qual não serão inscriptos os maiores de

60 annos. A inscripção será feita á vista das relações que serviram de base á matricula actual ou á vista de certidões da mesma matricula, sendo considerados libertos os escravos não matriculados dentro do prazo que fór fixado. Pela inscripção de cada escravo pagará o senhor o emolumento de 1\$000.

II—O valor do escravo será declarado pelo senhor dentro de limites fixados segundo cathogorias de idades, a saber:

Menores de 20 annos....	1:000\$000
» 30 annos... ..	800\$000
» 40 annos....	600\$000
» 50 annos....	400\$000
» 60 annos....	200\$000

O valor dos individuos do sexo feminino será reduzido de 25 %.

Os escravos menores de 65 annos serão obrigados á prestação de serviços por tres annos, os qua's terminarão naquella idade, seja qual fór o prazo decorrido.

A remissão destes serviços não poderá exceder de metade do valor arbitrado para os escravos da classe de 50 a 60 annos.

Todos os libertos maiores de 60 annos continuarão em companhia de seus senhores, que serão obrigados a aliment-os, vestil-os e tratal-os nas suas molestias, usufruindo seus serviços, quando os juizes de orphãos não julgarem capazes os mesmos libertos de ganhar por si mesmos a vida.

III—Os escravos inscriptos na matricula serão libertados pelo fundo de emancipação ou pelos peculios. Do valor primitivo com que houver sido matriculado o escravo serão deduzidos 6 %, annualmente contando-se, porém, para a redução qualquer prazo decorrido. As libertações por peculio serão concedidas á vista das certidões do valor do escravo e da certidão do deposito d'esse valor nas estações fiscaes que forem designados pelo governo.

Não haverá indemnisação nas alforrias dos escravos que, por motivo de molestia, forem julgados invalidos e incapazes de qualquer serviço.

IV—O fundo de emancipação será constituido: I com as taxas e rendas estabelecidas na legislação vigente; II com a taxa 5 % addiconaes a todos os impostos geraes, exceptuados os de exportação; III com a emissão annual, e ao par, até 6.000:000\$, de titulos de divida do Estado a juros de 5 %. Estes titulos sómente começarão a ser amortizados depois da total extincção da escravatura.

Os juros d'estes titulos serão satisfeitos com o producto do sobredito imposto adicional, emquanto o poder legislativo não decretar fundos para o pagamento dos mesmos titulos. A taxa adicional continuará a ser arrecadada até á completa extincção da divida representada por taes titulos.

V—O fundo de emancipação será dividido em tres partes. A primeira parte continuará a ser applicada na fórma do regulamento n. 5135 de 13 de novembro de 1872. A segunda parte, que será formada pelo producto da taxa adicional, será applicada á emancipação, preferindo-se os mais velhos; e entre estes os de menor valor, bem como ao pagamento dos juros dos titulos de que acima se trata. A terceira parte será applicada de preferencia aos escravos empregados na lavoura cujos senhores se resolverem a substituir o trabalho escravo pelo trabalho livre, mediante as seguintes condições:

— Libertação de todos os escravos existentes no estabelecimento com obrigação de não admittir outros;

Indemnisação pelo Estado de metade do valor dos escravos libertados, em titulos de 5 %, preferidos os senho-

res que exigirem menor indemnização e alforriarem maior numero de escravos;

— O usufruto dos serviços dos libertos por tempo de 5 annos;

— Estes serviços serão remunerados com alimentação, vestuário, tratamento nas enfermidades e uma gratificação pecuniaria por dia, que será fixada em regulamentos.

VI—A distribuição do fundo de emancipação continuará a ser feita como actualmente, sendo distribuidos os titulos de 5 % aos diversos municipios segundo a população escrava de cada um.

VII—O domicilio do escravo é intransferivel para provincia diversa d'aquella onde se achar matriculado. A mudança equivale a aquisição de liberdade, salvo nos casos de mudança do domicilio do senhor ou de evasão do escravo.

O escravo evadido não poderá ser alforriado, enquanto ausente, por nenhum dos titulos a que se refere este projecto.

Incorrerão na multa de 500\$ a 1:000\$ os que seduzirem ou acoutarem escravos alheios, cabendo aos chefes de policia impôr a multa com recurso voluntario para os presidentes de provincia. A imposição d'esta multa não excluirá a acção criminal nem a civil para a satisfação do danno causado.

VIII—E' domicilio obrigado por tempo de 5 annos, o do liberto, no municipio onde fór alforriado. Varias providencias tendem a assegurar o trabalho dos libertos, devendo o governo para este effeito fundar colonias agricolas, para onde serão remetidos os libertos sem occupação.

IX—Os escravos de estabelecimentos agricolas sómente podem ser dados em penhor com a clausula *consueti*, sob pena de aquisição de liberdade.

X—E' nulla a clausula *a retro* nas vendas de escravos ou qualquer estipulação que embarace ou prejudique a liberdade.

XI—São validas as alforrias concedidas ainda que o seu valor não caiba na terça das heranças, sejam ou não necessarios os herdeiros.

— Devemos informar os nossos leitores de que não se trata senão de projecto que, apenas em estudo, póde ainda receber modificações mais ou menos profundas, como sempre occorre na organização de projectos definitivos. Releva tambem acrescentar que, segundo ouvimos, o ministerio se acha inclinado a não collocar no terreno da confiança politica nenhuma das idéas que acima vão exaradas ou que afinal triumpharem no conselho ministerial, considerando a projectada reforma na cathogoria das questões que, conforme a tecnologia do parlamento inglez, se chamam abertas.

Verdades Politicas (*)

Disse o velho exilado de Jersey:

« A patria tem isto de pungente—sahir d'ella é triste, regressar a ella é algumas vezes mais triste.

»Que proscripto romano não prefereria morrer como Brutus, a ver a invasão d'Attila?

»Que proscripto francez não prefereria o exilio eterno á escavação da França pela Prussia e a extorsão de Metz e de Strasburgo?»

Dolorosissimas palavras, que têm o cunho formidavel de uma terrivel dor! Ellas por si só representam tudo quanto ha de grande e tudo quanto ha de pungente.

(*) Este artigo foi escripto antes da queda do ministerio—Dantas.

Grande, porque é a revolta do patriota que assiste a extorsão do Direito, da Justica e da Liberdade; pungente, porque na hecatombe geral em que a patria succumbe, no meio dos acontecimentos que se succedem vertiginosamente, não encontra uma esperança com que possa lançar a patria estas palavras legendarias: *Surge et ambula*.

Porem mais triste ainda é sentir-se exilado em sua propria patria, e ver as vagas formas de um ideal apparecer e desaparecer, resurgir e extinguir-se logo depois, sem que essas formas confusas, sem que esses movimentos irregulares fixem-se de tal modo na nossa consciencia, a ponto de transformar-se, de simples sonho que é, n'uma encantadora realidade.

Mais triste é assistir de perto o mas-sacro de Thessalonica e o infame consorcio da corrupção e do instinto sanguinario. Mais triste é ver a patria gemendo nas suas dores, soluçando nas suas lagrimas; a conspiração execravel da intolerancia e a conjuração dos podres; o latrocínio e a violencia constituindo-se Direito, a logica do interesse, em face á logica dos acontecimentos, a moral conspurcada pelo interesse, a sciencia pela ignorancia, a civilização pela barbaria.

Antes morrer como Brutus a assistir a decomposição dos caracteres e das intelligencias, a violação da liberdade humana, a indignidade dos homens politicos, as torpezas de uma oligarchia sem tradições, de uma nobreza sem hereditariedade.

Quantos brazileiros poderão exclamar ao morrer:

«Graces au ciel mes mains ne sont point criminelles.»

A consciencia dos olygarchas tem isto de terrivel. Ella representa o coito hybrido de Vanozza e de Alexandre VI. Uma nuvem sanguinolenta occulta-nos esta união.

O remorso que os persegue é o mesmo laço que os prende, que os enlaça na mesma delicia e na mesma tortura.

N'esta união, ha alguma cousa de brutal e de sinistro, e a ejaculação do monstruoso.

Quando estes homens violam uma lei qualquer e que elles são levados irresistivelmente a essa violação.

A culpa não é delles, é de quem lhes inoculou no sangue a fatalidade de duas tendencias, ambas igualmente poderosas: o vinculo que os subordina aos antecedentes hereditarios e que os leva a uma imitação e o esforço de adaptar á corrente tradicional a serie de circumstancias exteriores que obedecem a uma lei inviolavel, logica.

Feril-os hoje é ferir uma serie de antecedentes historicos, é supprimir a solidariedade entre o avô e o neto, entre o pai e o filho; é crear uma solução de continuidade na psychologia social.

Esta opposição, é logica. Todo o equilibrio nas manifestações do caracter e da intelligencia é impossivel; o facto prende-se ao facto, o individuo ao individuo, os seculos aos seculos, as gerações ás gerações.

A França de Voltaire tem um ponto de semelhança com a Roma de Borgia: a herança; uma differença: a educação.

Se Bruxellas é uma filha de Roma, como diz Hugo, e se este contacto provém das influencias transmittidas pela educação clerical, o Brazil emerge naturalmente do Syllabus, tem as origens do seu caracter no ensino pernicioso do dogma, na diffusão dos preceitos de uma religião, que a marcha crescente dos acontecimentos historicos tem demonstrado ser incompativel com todo progresso, um obstaculo perenne a todo esforço civilizador.

Ao mesmo tempo que facilita a ex-

pansão gradual dos germens assimilados no facto biologico da hereditariedade, perturba as noções adquiridas na confusão subjectiva das ideas, fortalecidas pelo ensino, paralyzando a intelligencia, atrophiando o caracter, supprimindo o homem.

Raros são aquelles que conseguem fugir a esta lei inevitavel.

Só uma educação sã póde formar homens sãos.

Se Duruy demonstra que até as prisões decrescem na proporção do augmento de escolas, ainda mesmo que este ensino se resinta de todos os vícios e de todos os delictos, é claro que uma direcção imposta ao espirito por uma vasta e amplissima disciplina mental, virá transformar completamente a face do mundo.

Só esta segunda gestação, que poderei chamar psychologica, modificará os germens adquiridos pelo individuo, na primeira evolução do organismo.

Se os nossos politicos não fossem uma consequencia de todos estes estímulos hereditarios, agindo em direcção contraria á corrente geral dos factos, que se succedem com uma regularidade assustadora no seio da nossa sociedade, sem duvida não caminhariam tão accebidamente para um tão tremendo deslize politico.

Se elles pudessem consultar a opinião publica e arrancar do mais intimo da sua consciencia a idéa que lá brilha e que constitue o pensamento unico da Patria, ha muito que se teria realizado o facto que ameaça invadir a alçada dos poderes competentes e impôr-se por si mesmo.

Os conservadores e dissidentes querem ligar os destinos da patria, como fizeram ao negro, ás correntes de um captiveiro revoltante e ignominioso.

Os abolicionistas podem fugir das Thermopylas como o Lacedemonio, certos porem de que se justificarão em Platéa.

E acharem os esclavagistas que é muito exigirmos a abolição da escravidão!

Ah! se elles soubessem quanto queremos e quanto havemos de conquistar ou por meios pacificos ou por meio da revolta!...

A escalada da Bastilha é difficil, mas não é impossivel: devem saber d'isto os senhores da opposição.

A camara eleita expressamente para discutir o projecto do ministerio, cala-se diante d'elle e o espirito publico espera ansiosamente uma resposta qualquer do parlamento, que venha ou tranquillisar os animos superexcitados ou augmentar as vagas revóltas na vasa popular.

No primeiro caso temos o triumpho pela paz, no segundo pela guerra.

Será glorioso podermos levantar, como Atriades, sanguinolento e moribundo, o trophéo escripto com o seu proprio sangue:—Sparta venceu.

Toda a grandeza humana resume-se n'isto:—saber morrer pela Patria: *Dulce et decorum est pro patria mori*.

LUIZ MURAT

QUESTÃO LITTERARIA (*)

Qual o maior poeta do Brazil?

Durante esta semana recebemos 46 respostas.

Votaram em Gonçalves Dias os seguintes senhores:

Da côrte:—Conselheiro Alencar Arape, Dr. Moncorvo de Figueiredo, Jacinto Maximino Alves, Francisco Pereira, Elvira de Souza e Silva, Lima Junior, Manoel Joaquim Mendes, Carolino Pinto Mendes, S. Brito, Arthur da

(*) Vide ns. 15, 16, 17 e 18 d' a *Semana*

S. Mello, Leopoldo de Carvalho, A. Souza Nunes, Julio de Oliveira, José Antonio Xerez Lopes.

De Santos:—Julio Mendes de Almeida Junior.

EM CASTRO ALVES

Da corte:—Pantaleão de Souza Melado, Christiano Rodrigues, Serapião Zoroastro da Silva, Affonso Celso de S. Travassos, Miguel de Oliveira, João Alberto, Carlos Hervey, Leonidas de Sá, Antonio Fontes Junior, Henrique José do Rosario, Gustavo Alberto Borges, Manuel Ignacio da Silva Teixeira.

De S. José de Além Parahyba:—D. P. F. Narciso.

De Campinas:—A. Pereira de Queiroz. Campanha.—Maximiano José de Brito Lambert.

EM LUIZ DELFINO

Da corte:—Manoel Emilio Pinto Braga, João de Gouvêa Lima, Antonio Lutterback, Sebastião Lutterback, Antonio Joaquim dos Santos e Joaquim Pinto Cotty.

EM CASIMIRO DE ABREU

Da corte:—Augusto Camara.

EM FAGUNDES VARELLA

Da Campanha:—Julio Bueno.

EM ALVARES DE AZEVEDO

De Barbacena:—F. Mendes Pimentel.

EM DOMINGOS DE MAGALHÃES

Da corte:—Dias da Silva Junior.

EM JOSÉ BONIFACIO

De Magé:—Thomaz de Siqueira Junior.

EM BERNARDO GUIMARÃES

Da Campanha:—José Mendes e Lourenço Fonseca.

EM FREI SANTA RITA DURÃO

Da corte:—Basilio Clack Van Herd.

EM GONÇALVES CRESPO

Da corte:—Alfredo A. da Cunha Barbosa e José G. Martins.

De Musambinho (Minas):—Americo Braziliense da Matta Moura.

RESULTADO:

Gonçalves Dias.....	70
Castro Alves.....	40
Luiz Delfino.....	21
Luiz Guimarães Junior...	4
Casimiro de Abreu.....	4
Gonçalves Crespo.....	4
Alvares de Azevedo.....	3
Fagundes Varella.....	3
Domingos de Magalhães...	2
Bernardo Guimarães.....	2
Gonzaga.....	1
Pedro Luiz.....	1
Bazilio da Gama.....	1
Alberto de Oliveira.....	1
Odorico Mendes.....	1
Laurindo Rebello.....	1
José Bonifacio.....	1
Santa Rita Durão.....	1

Publicaremos brevemente as considerações que vieram acompanhando as respostas de diversas pessoas; d'entre estas estão as do Exm. Sr. conselheiro Alencar Araripe, Dr. Moncorvo de Figueiredo e Dias da Silva Junior.

Um homem gasto

POR L. L.

Seja quem fôr o auctor d'este romance, L. L. perdeu os seus esforços por demasia de intuitos.

Em poucas palavras resume-se o assumpto d'este livro.

Trata-se de um brasileiro, de rica estirpe, educado em collegios, viciado pelo systema ainda usado—de tarimbas, desencaminhado pelos professores, anesthesiado pela lascivia;—que vai gosar o seu dinheiro na Europa, onde encontra

todas os requintes do prazer, em companhia do celebre Bobinaud;—que no fim de algum tempo cansa, e da luxuria passa ás extravagancias intellectuaes, d'estas ao scepticismo dos nevroticos, e do ultimo ao ideal desconjuntado dos reformadores maniacos;—que por ultimo volta ao Brazil com a avidez do repouso e lança-se ao casamento como á jangada salvadora. *N'este momento* solenne, porém, falta-lhe o essencial para as funcões matrimoniaes; por infelicidade, elle, já velho no corpo, e ainda mais na alma, tem desposado uma rapariga bella, moça a cheia de haustos febris. A consequencia é logica. O heróe da historia desespera, procura reagentes, reergue-se, torna a endoidecer e acaba resolvendo a crise com um tiro na cabeça.

O Sr. L. L. chama a isto um *episodio da historia social do seculo XIX.*

Realmente pelas grandes linhas expostas nenhum assumpto poderia encher mais vigorosamente as paginas de um livro.

Sentimos, porém, dizer que a leitura do romance não adianta uma impressão sequer, além da que o leitor já recebeu percorrendo o resumo que fizemos. O livro consta de 215 paginas de amplificações a um texto muito conhecido.

Para que, entretanto, essa grandiosa these realisasse o intuito louvabilissimo do auctor, teria sido preciso que elle a encarnasse em novas formas, e agrupasse detalhes ainda pouco explorados. Ainda mais; era necessario que vibrasse no estylo uma tecla, que não existe no seu instrumento, e suas idéas fossem além do que pensaram Locke, Condillac, David Hume e o barão de Holbein, auctores que, segundo parece, são, no seu conceito, a ultima expressão da audacia philosophica.

Se não fosse assim, é bem possivel que o Sr. L. L. attribuisse o desastre do seu heróe a causas mais complexas, e não essencialmente ao vicio da educação collegial...

Porque não ao dinheiro? ao clima? á influencia hereditaria? etc., etc....

No mais—de accordo!

O Dr. Luiz Delfino e a poesia nacional

Apparecendo um artigo na *Gazeta da Tarde*, onde deixava transparecer a opinião de que o Dr. Luiz Delfino não estava nas condições de preencher as qualidades de primeiro poeta do Brazil e como eu não queria que dissessem que a *Semana* proclama poetas e os repudia sem critério e sem motivos logicos e positivos, entendi que seria de conveniencia para nós os apologistas do poeta da *Solennia Verba* e para os seus antagonistas, perguntar á *Gazeta da Tarde* porque não será o nosso primeiro poeta o illustre mestre, cujo nome encima estas linhas.

O autor do artigo inserto n'aquella folha portou-se cavalheirescamente.

Assumi a responsabilidade do que escreveu e gentilmente aceitou o repto proposto por um dos redactores d'esta folha.

Esse redactor fui eu, e antes de entrar em assumpto, cumpre-me agradecer as lisongeiros phrases com que veio ao meu encontro o Sr. Julio de Lemos.

O meu antagonista ha de permittir-me que eu generalise a minha resposta a todos quantos se oppõe á minha opinião sobre a questão litteraria aventada pela *Semana*.

Portanto, respondendo ao Sr. Julio de Lemos eu terei respondido a todos aquelles cujas opiniões n'este momento synthetisa o meu adversario.

No seu primeiro artigo o Sr. Julio de

Lemos dá a entender que, para elle, o grande poeta era aquelle que encarnando em si todos os movimentos politicos ou sociaes, philosophicos, moraes ou religiosos, dava-lhes a expressão do seu tempo, e objectivava-os em uma larga synthese, como Homero o movimento militar de Troya, como Dante a unidade catholica, como Goete o protestantismo, como Victor Hugo a revolução moderna que irrompeu no phenomeno social de 1789 e que repercutiu em todos os povos, constituindo o elemento essencial de todas as reformas politicas, religiosas economicas, artisticas, etc., etc.

De accordo. Esta verdade é o corollario de uma verdade ainda mais clara, mais profunda—a renovação philosophica.

Esta renovação philosophica promou do estabelecimento das relações civis, do contacto moral dos povos, da aproximação da observação e da experiencia no estudo das leis historicas, substituindo, o erro da auctoridade indiscutivel, e firmando cada vez mais o systema dos factos.

Se os homens se recolhiam aos conventos para meditar sobre as falsas regras que deveriam fixar o desenvolvimento dos povos, organizar a sua marcha, systematisar o progresso, sem filia-lo a serie de antecedentes que actuam continuamente no esforço colectivo para a liberdade, os litteratos, isolavam-se nos seus gabinetes, nas suas academias, longe das relações com a sociedade, sem saberem quaes as aspirações do seu tempo, qual o elo dogmatico que subordina as manifestações populares ao caracter, aos sentimentos, ás idéas, ao raciocinio de outras épochas mais afastadas, sem se importarem com a natureza das paixões dos individuos, com o conflicto dos interesses que surgiam a cada passo; com a moralidade de cada um, com o procedimento de todos.

A tradição desaparecia. Os factos mais insignificantes não chegavam a impor-se ás fluctuações das litteraturas, ao escriptor que se recolhia em si mesmo produzindo tudo segundo as suas paixões, sendo portanto as suas obras não a consequencia do caracter social do seu tempo, não a expressão viva, animada, colorida, exacta das emoções collectivas, que resultavam naturalmente de uma reacção continua do fundo tradicional dos povos.

Os meus illustres antagonistas permittir-me-ão que espraie as minhas vistas por esta serie de factos, que darão a discussão um caracter mais serio e que mostrarão ao publico que os admiradores do Dr. Luiz Delfino, sabem fundamentar as suas opiniões. E' assim que se discute,

Portanto, continuarei.

E' em virtude das razões que acabei de apresentar que um illustre escriptor sustenta que as litteraturas da Europa foram no seculo XVII o mesmo que a philosophia fôra nos claustros medievaes e continuou a ser nas escholas dos jesuitas. E assim continua o alludido escriptor: « Nas especulações mentaes a Dialectica equivale ao culteranismo das formas litterarias; ambas estas degenerações resultam do desconhecimento da relação vital da actividade do individuo com o meio social. »

Para que a memoria de um homem avulte na gratidão dos povos, imponha-se ás idéas modificadas de uma epocha relativamente muito mais desenvolvida do que aquella em que elle viveu, é preciso que tenha intervindo de tal modo na expansão e aglomeração dos factos sociaes do seu tempo, afim de facilitar esta expansão e coordenando esta aglomeração torne-se a sua obra um meio seguro dos vindouros apreciarem o caracter geral da epocha em

questão, as causas que determinaram o phenomeno e finalmente os meios de que elle se socorreu para reprimir os excessos da acção collectiva e facultar o desenvolvimento das idéas que nasciam espontaneamente do attricto dos sentimentos em circulação.

Porém como se deve comprehender esta intervenção?

Pela sua subordinação ás idéas do conjuncto, verificando e tornando effectivas as questões que tem necessidade de uma prompta realisação.

Como conhecer-se a necessidade d'esta adaptação, da idéa ao facto, como discernir o valor intrinseco de umas, a sua oportunidade, d'aquellas que apenas são uma consequencia das outras, do seu desenvolvimento, e cujo meio social ainda não offerece garantias para que ellas fructifiquem e produzam todos os seus effectos?

Pelo contacto com o povo, pela aproximação do individuo e da sociedade, cuja idéa a philosophia exprime n'esta palavra: *relativismo*.

Sem isto não ha politica, como não ha direito, como não ha ueligião, como não ha esthetica.

Esthetica, religião moral, direito, politica, etc., resumem-se n'esta palavra: *relativismo*.

Eis tudo,

Sem esta intervenção, tendo em vista a subordinação ao meio, ao conjuncto de aspirações, de interesses, de direitos, comuns a todos os povos não ha escriptor, como não ha politicos que se imponham a admiração de ninguem.

Sem isto só ha um recurso: é appellar para a ficção.

O regimen exclusivo da politica subjectiva, como das litteraturas, dão em resultado as anomalias mais absurdas, os absurdos mais anomaes.

O subjectivismo em religião, produziu o Papa, nas dynastias de direito divino, produziu Alexandre, que por meio de ficções genealogicas, fez-se filho de Jupiter, producto de um adulterio divino; na nobreza, a casa de Lusignan e Napoleão, conta um escriptor, dizia ao seu ministro da marinha Decrès:

« Vim muito tarde; se eu, hoje, me declarasse por filho do Padre Eterno e annunciasses que lhe ia render graças como tal, não haveria peixeira que me não apupasse na minha passagem. Os povos têm hoje os olhos bastante abertos, e portanto nada me resta a fazer de grande. »

Eis ali os graves inconvenientes do subjectivismo como instrumento na apreciação dos factos politicos, religiosos ou litterarios.

Em artigos subsequentes continuarei a estudar a questão que nos occupa, esforçando-me para deixar bem patente que o *Dr. Luiz Delfino é o nosso primeiro poeta*.

LUIZ MURAT.

Duas correntes pesadas
Eu arrasto sem poder:
E' uma a do meu capricho,
A outra do meu dever.

OS SAPATINHOS AZUES

(CONTO INFANTIL)

Foi um dia uma menina que se chamava Luiza. Era bonitinha mas muito pobre. Toda a gente da vizinhança gostava d'ella; e que mesmo não podia haver creança mais meiga nem mais submissa.

A' tarde era certo vel-a sentadinha á porta a brincar descalça, a coitadinha, com o seu vestidinho de chita escura,

escorrido e remendado, os cabellos loiros em desalinho cahidos sobre os hombros, os grandes olhos pretos e innocentes fitos nos trapinhos com que fazia roupa para a sua boneca, uma bruxa de panno com cabelleira de lã e olhos de retroz.

Tinha um aspecto triste a bóa Luizinha; não parecia uma creança, tanto juizo era o seu!

Pois bem. Um dia veio uma cousa má turvar a paz d'aquella bóa alminha.

Imaginae o que... a inveja!

Luizinha viu nos mimosos pés da mimosa filhinha de uma burgueza rica, uns sapatinhos azues.

Aquelles sapatinhos pisaram-lhe a alma, a sua bóa alma que não devèra ter cahido nunca... Foi pena; mas a perfeição não é da terra e afinal Luizinha tinha nascido n'este mundo.

A' noute adormecida, e sonhava que via uma grande escada de crystal cheia de luz, de trepadeiras em flôr despenhadas do corremão como uma cascata exhaladora de perfumes fortes onde esvoaçavam doidas borboletas. Olhando attonita para essa escada luminosa ella divisava lá em cima no primeiro degráu uns pes pequeninos calçados de setim azul. Eram elles, eram os pés da menina rica... bem os conhecia!

De degráu em degráu, certificava-se que era mesmo a sua invejada que descia.

Agora via-lhe já as meias de seda com labores em aberto, depois a orla do vestido bordado, depois a larga faixa franjada, depois os braços roliços com covinhas nos cotovelos e pulseiras d'ouro, depois o collo redondo, branco como o leite, em que brilhava a cruzinha de pedras, depois o rosto alegre, corado como uma maçã madura, e os cabellos escuros presos no alto com um lacinho de fitas... então sentia-a passar, roçar-lhe mesmo pelo vestido enxovalhado, e tentava apalpar-lhe o fato com as mãosinhas enagrecidas, mas a radiante visão desapparecia e Luizinha desejava subir a escada porque lá via em cima um lindo par de sapatinhos azues; porém ao aproximar-se as flôres emmurcheciam, o crystal dos degráus estalava e todas as luzes se apagavam.

Pobre Luizinha!

Uma manhã acordou ella toda chorosa. A mãe inquietou-se e indagou logo a causa das lagrimas.

A pequenita fez sem medo a sua confissão; e a bóa mulher entristeceu-se.

O que, meu amor! dizia ella, pois tu tens inveja! um peccado tão feio, tão negro! não, meu beminho, não! Vem d'ahi, quero levar-te á igreja para mostrar-te que tambem estão descalços os anjos do Senhor!

E foram.

O dia estava claro, de uma transparencia crystalina, limpida.

Entraram no templo. A mãe mostrou á filha as telas dos altares; descalços estavam os anjos, descalço estava Jesus.

Foi bóa a resolução; porque ao sahir levava Luizinha a convieção de que não devia ter inveja da mimosa menina dos sapatinhos azues.

JULIA LOPES.

Campinas, 19 de Abril de 1885.

Á TARDINHA

(NOTA DE VIAGEM)

Encarreiando vagarosamente pela melhor rua da Régua, enfei o braço no de Silva Porto, e perguntei-lhe, com uma basofia de montanhez satisfeito, que tal achava o meu paiz. O brilhante e sincero paysagista, impressionado, declarou-m'o singular, d'uma inesperada originalidade brutal e alpina; mas de tão aspero e dominador aspecto, que nem o

pincel avassallador o póde expugnar. E este artista robusto e ouzado mostrou-se desgostoso, arreliado pela barbara soberbia dos montes, avaros e inhospitos até ao ponto de lhe não proporeionarem sequer um quadrinho agradável.— E' o que eu lhes não peço tambem.

Entretanto, como simples recordação, Silva Porto quiz sempre apontar uns ligeiros *croquis*; e á tarde, quando a hora calma e doce do erepuseulo começava, elle esfregou á pressa e certamente na sua pasta, a manilha exotica de umas velhas cascas sobrepostas, pittorescas na sua pobresa sarapintada, visinhas do Douro sereno, curvo e azul entre areas; emquanto que, ao longe, n'um fundo apagado, se erguiam pesadamente uns montes d'onduloso espinhaço, erriçado de rocha agreste. Depois voltando-se, apanhou em flagrante o enorme perfil d'um outro monte vestido de vinhas, obscuro contra a luz ruborizada do poente, que tenuemente coava ainda por altas frinhas uns vaporosos véus cor de rosa, poeirentos.

Estavamos no caminho da fonte; boas raparigas iam passando, canécos e cantaros á cabeça, com uma algazarra de palavriados e risos: um rôto bando de garotos vigiava o desenho, brineando e fazendo-nos rir francamente com as suas brejeiras informações sobre a virtude nem sempre immaeulada das moças.

Mas, lentamente, a noite veio pousando sobre a natureza a sua immensa sandalia ou chanca tenebrosa. Cortando o saboroso silencio, ouviu-se em breve o concerto estival da grillaria cantando; as montanhas, em redor, confundiam-se n'uma negrura; e nas aguas quietas do rio, d'uma surpreendente transparencia, o céu reflectido espalhava nitidamente uma profusão eneantadora de puros diamantes, semeados na divina gaze da via lactea. Que infinita doçura meridional, então, sob o mysterio vago da treva!

MONTEIRO RAMALHO

Se queres saber se eu choro,
Me empresta a tua mortalha,
Com ella enxuga o meu pranto
E o nosso filho agazalha.

COPRE DAS GRAÇAS

Em uma factura impressa de uma *Padaria Moderna*, encontrámos a seguinte preciosidade, que hoje offeremos aos leitores d'esta secção—á falta de pão do espirito

« Os proprietarios deste estabelecimento com assidoa e longa pratica deste ramo de negocio, resolverão não aceitar fornecimento algum que não sejam as Exmas. familias, fazendo uma escolha em farinhas e pessoal com abelitações no fabrica deste genero de primeira necessidade como seja o pão com todo asseio e perfeição. »

GAZETILHA LITTERARIA

O distincto poeta Dr. Rozendo Moniz, tem prompto a entrar no prelo um novo volume de versos a que deu por titulo—*Miragens*.

Tres grandes novidades litterarias, e todas tres referentes ao grande poeta Luiz Delfino.

Estão no prelo e devem apparecer brevemente tres livros delle:

— *A arena* (ou outro titulo) poesia de largo folego, 50 estrophes hugoanas, de que já temos noticia, sobre o magno problema actual — *a escravidão*. Será editada pela *Semana* e impressa nas suas officinas.

— *A Filha de Africa*, poesia publicada ha alguns annos, anterior ás poesias abolicionistas de Castro Alves, e, infelizmente, muito pouco conhecida. Editor Serafim Jose Alves.

— Finalmente—um volume, cujo titulo ainda não está resolvido, contendo a *Solemnia Verba*, *Fornarina* e um outro poemeto; sendo estes ultimos inteiramente ineditos.

E' caso para se darem entusiasticos parabens á poesia nacional e ás letras brazileiras.

O Dr. Moniz de Souza, advogado em S. Paulo, vai publicar um estudo de direito criminal sob o titulo—*Historia de um ladrão*.

Está no prelo um livro de poesias do joven poeta Arthur Duarte intitula-se *Bohemias*. A edição é da casa Leuzinger.

Nem mesmo sei o que sou
 e ela dôr que sinto agora,
 Bem pareço a sombra escura
 D'um ser que viveu outr'ora.

ERNESTO RENAN

(VERSÃO DE ALFREDO DE SOUZA)

Uma cabeça jovissima, sabia, modesta, indagadora, poderosa, toda espiritual, porém, é necessario que se diga—escarlate. A bocca interroga e persuade, a vista quer penetrar na luz e nas trevas, os cabellos são lisos para não incommodal-o nem estorval-o neste perpetuo trabalho. Mas o autor da *Vida de Jesus* mergulhou-se nas flammias do pensamento e ficou completamente illuminado. O caloroso e poetico apostolo da Incredulidade é vermelho como Falstaff; o que prova ainda que os extremos se tocam! O vinho do ideal cardealizou o nariz de Ernesto Renan, como o vinho da Hespanha o de Bardolphe.

Oh, natureza, como tu és ironica!

MICHELET

Este é um homem e uma consciencia. Que vida, que animação, que flamma neste rosto magro, enrugado, queimado como o de um missionario e de um apostolo, sob uma floresta de compridos cabellos brancos tão veneraveis como tranquilllos! Sua bocca sem labios falla, commina, sorri, acaricia, adora, discute e persuade; seus olhos vêem, pesquisam, interrogam, adivinham, seguem os astros, trespasam os véos, rasgam os horisontes, desafiam a noite e o passado, e, quando são arrebatados pelo extase, acabam por contemplar as cousas que não vivem ainda. Para esta face expressiva, e de barba voltairiana, onde vem o fogo que por todos os lados abraça e esclarece ás vezes! Do espirito; não duvideis. E se por um momento o sonhador desaparece, é que elle escuta os suspiros das plantas e a conversação das aves. Tem-se dito delle: E' um louco!—Um louco, verdadeiramente, como Albert Durer e como Dante,—um visionario!

THEODORE DE BANVILLE

A VIDA ELEGANTE

O club de Botafogo realisou na noite de sabbado passado um esplendido sa-rau-concerto.

O programma da parte concertante, organizado pelo seu director, o maestro A. Arnaud, foi de uma execução por parte das Exma. amadoras, e amadores digna de todos os applausos.

Destacaram-se o romance *memoire d'amour* cantado com verdadeiro sentimento e expressão pela Exma. Sra. D.

Affonsina Lima e o duo concertante do *Fausto*, para rabeça e piano, tocado pelo intelligente meuino Armando Dias e pelo Sr. A. Armando.

Terminada esta parte principiaram as danças que tiveram fim pela madrugada.

O serviço foi variado e profuso.

Agradecendo á directoria do club a amabilidade doseu convite, enviamos-lhe d'estas columnas nossos sinceros agradecimentos.

Domingo fomos assistir á distribuição dos premios que o club de S. Christovão fez aos heroes das grandes batalhas que se travaram nos dias 28, 29, 30 de Abril e 1 e 2 de Maio corrente, intituladas—torneio de bilhar.

Sem offender susceptibilidades, pedimos licença para declarar o nome desses *Ozorios*.

El-os—1ª turma, constando de 8 *valientes*, ganhou o primeiro premio o Sr. João Teixeira de Carvalho e o segundo o Sr. João Roxo. 2ª turma, 8 *valientes* também; coube o primeiro premio ao Sr. Henrique Moreira e o segundo ao Sr. Francisco de Paula Santos Gouyêa. 3ª turma, ainda 8 *valientes*; recebeu o primeiro premio o Sr. Custodio de Albuquerque e o segundo o Sr. Adriano Cursino de A. Sampaio. 4ª turma, 8 *valientes* também; coube o primeiro premio ao Sr. Francisco de Assis Carvalho e o segundo ao Sr. A. Barbosa. Ultima turma ainda com 8 *valientes*: fez jus ao primeiro premio o Sr. Manoel Moreira dos Santos e ao segundo o Sr. Ernesto Gonçalves.

Durante a entrega d'estes premios, feita pela directoria do club, uma banda de musica tocava trechos de escolhidas peças; sendo cada vencedor saudado com uma ruidosa salva de palmas partida dos circumstantes e socios presentes no acto da recepção dos seus mimos.

Terminada esta solemnidade teve lugar um pequeno concerto, onde figuraram a Exma. Sra. D. Nizia Teixeira, que cantou com muita expressão a cançoneta *La Pazza di S. Eleno* acompanhando-a ao piano o Sr. professor Frederico Mallio; o menino Alberto Motta e o professor Mallio que executaram ao piano um trecho do *Ruy-Blas*; o Sr. Anibal do Amaral que nos deliciou com a sua flauta; o professor Mallio que tocou ao piano uma lindissima composição de sua lavra, intitulada—*Capricho fantastico* e finalmente os meninos Alberto Motta e Henrique Gusmão que executaram ao piano uma polka caracteristica.

Findo este concerto a orchestra deu signal para a primeira quadrilha e... precipitaram-se walsas, polkas etc., até ás 2 horas da noite.

A' directoria do club, que foi tão prodiga de amabilidades e distincções para conosco como para com os demais convidados ahí presentes, agradecemos cordialmente a delicadeza do convite com que nos distinguuiu.

LORGNON.

De tanta terra enfeitada,
 A terra que menos brilha,
 E' a porção que hoje cobre
 Os restos de minha filha!

THEATROS

A empresa Apollonia, que trabalha agora no Principe Imperial deu-nos terça-feira a primeira das *Noites da India*, peça do genero d'Ennery, já conhecida do nosso publico, que a viu representada ha annos no theatro S. Pedro, pela companhia do Guilherme da Silveira, e que então fez um grande successo.

N'aquelle tempo os principaes papeis eram feitos por Guillierme de Aguiar, dito da Silveira, Martinho, Fraga, Pereira, Marquelou, Apollonia e Adelaide Pereira.

Agora aquelles papeis são feitos, na mesma ordem, por Moniz, Ferreira, Corrêa, Galvão, Porto, Apollonia, Jacintha e Adelaide Pereira. Entra também o actor Simões, cujo papel (Wilson) não nos recordamos por quem foi feito no S. Pedro.

A peça é muito curiosa e de grande effeito dramatico.

A lista que demos dos artistas que a desempenharam não tem a intenção de estabelecer um confronto: é antes uma grata recordação de bons artistas, dos quaes dois já estão mortos, um retirado da scena e dois que ainda trabalham agora.

O desempenho agradou em geral, áparte o Sr. Galvão, que esteve de uma grande infelicidade ao despedir-se da familia no 2º acto.

Está bem montada, com bons scenarios e bons vestuarios.

Faz bem a companhia do Principe em montar peças de grande espectáculo, visto que o publico as prefere. Que o publico também pelo seu lado concorra a animar os bons esforços da empresa em bem servir-o.

*

*

A companhia Furtado Coelho ainda não nos deu nenhuma peça nova.

Tem por emquanto representado apenas tres peças já nossas conhecidas:—*Demi-Monde*, *Divorciemo-nos* e *Mestre de Forjas*.

A concorrência aos espectaculos do Lucinda tem sido enorme.

Parabens ao Celestino.

*

*

O Recreio prepara com afan *No Seio da Morte*, a grande lenda tragica, em verso, de Echegaray, e *A Filha do Guedes*, do Sr. Augusto de Castro. *No Seio da Morte* subirá á scena no dia 20 do corrente em beneficio do actor Dias Braga.

Mattos, Malta ou Matta?

ROMANCE AO CORRER DA PENNA

XV

A velha endireitou os oculos, fungou tres vezes, repuxou as saias nos rins e disse.— apontando para o resussitado:

— Eis o auctor da questão!

— Este? bradei, espantado.— E' impossivel!

— Vai ver, replicou a velha—vai ver!

— Não creio, repliquei. E' impossivel, repito!

— Impossivel o que? perguntou-me o accusado.

— Impossivel que seja o senhor o auctor da grande intriga que se tem feito a respeito de Castro Malta, de mim e de todas as pessoas que se interessam n'esta questão.

— Que questão? perguntou-me o Gastro.

— Ora! que diabo de questão pode ser? A questão Castro Malta.

— Castro Malta?

— Pois o senhor não conhece a questão de que lhe fallo?

— Eu não conheço senão o que me ensinou o Precioso, o meu mestre.

— Visto isso, acrescentei, o senhor não está a par da grande questão que nos trouxe aqui!

— Ju-ro-lhe que não.

— Não sabe do que se trata?

— Não!

— Nunca escreveu cartas a minha mulher ?

— Nem a sua, nem a mulher alguma !

— Então, exclamei, voltando-me para D. Leonarda, então como affiançou a senhora que este homem era o autor de toda aquella trapalhada ?

— Por uma razão muito simples, por que tenho as provas de que elle e o unico autor da historia.

— Apresente-as.

— Não é preciso, atalhou Quintino, eu explico tudo.

— Este senhor, acrescentou, voltando-se para mim. Este senhor não é mais que um simples romancista.

— Como ? disse eu.

— Sim, não é mais do que um simples romancista. A sua intenção delle era somente fazer um romance, um romance para a *Semana* e, na falta de melhor assumpto agarrou o meu !

— O seu ?

— Sim, o meu, a minha questão, o meu Castro Malta.

— Como é lá isso ? perguntei.

— Pois não, respondeu-me Quintino— Pois não ! O Sr. entendeu fazer um romance de uma questão seria, que levantei pelo *Paiz* e começou a escrever cartas disparatadas e tolas para a *Semana*.

— Eu ? interroguei.

— Sim, sim, o senhor ! bradou o chefe da redacção d'*O Paiz* agarrando-me pelo braço— O senhor ! que, sem o menor escrúpulo quiz fazer de um assumpto sério um pretexto para novellas de máu gosto !

— Repare que me offende !

— Qual offende, nem meio offende ! O senhor já ouviu muito peor do *Jornal do Commercio* e nem por isso deu o cavaco.

— Sim, mas isso é outro caso ! O *Jornal* não é responsavel por cousa alguma. Elle não sabe o que faz, coitado !

— Em todo caso, voltando a questão, posso afirmar que o senhor não passa de um especulador que se apoderou de uma questão que lhe não pertence. O senhor nunca foi casado ; nunca teve o emprego publico de que fallou na sua carta ; nunca teve relações com a tal Jeannite de que por varias vezes tratou, e muito menos teve relações com empregados da Santa Casa de Misericordia.

— O senhor está me offendendo !

— Ora qual, meu amigo, um romancista nunca se póde dar por offendido com estas coisas ; um romancista é um grande mentiroso, que vive a empulhar o publico com as suas patranhas. Hoje affirma que o diabo é côr do céu e amanhã jura que Deus é côr de fogo !

— Eu nunca fiz em minha vida affirmações dessa ordem !

— Se não fez dessa ordem fez peiores. Leia as suas proprias obras, estude-as com attenção ; verá que não é mentira o que digo.

E o Sr. Quintino, voltando-se para minha sogra, acrescentou:

— Creia, minha senhora que fallo verdade. Este homem que está ao seu lado é um intrigante, é um enredador, é finalmente um romancista !

— Eu ? !

— Sim ! sim, o senhor, e escusa negar. Perguntem a *Folha Nova*, perguntem o *Gazeta de Noticias*, perguntem a *Gazetinha*, a *Gazeta da Tarde*, perguntem ao proprio *Jornal do Commercio*, e todos esses órgãos affirmarão o que avancet.

— Estou desmoralizado ! exclamei, procurando uma sahida.

Mas, á porta de entrada se haviam reunido varios reporters e homens de letras que me tolheram a passagem.

Todos riam, e eu sentia já o suor correr-me pela frente e entranhar-se pelos mysterios do eollarinho.

Afinal, vendo que assomavam á porta

o Valentim, o Filinto de Almeida, o Alfredo de Souza, o Luiz Murat, o Urbano Duarte, o Arthur Azevedo, o Alberto de Oliveira, o Raymundo Correia, o Derveval da Fonseca e muitos outros rapazes conhecidos, não tive remedio senão confessar tudo e abaixar a cabeça, resignado ao que desse e viesse.

— Então ! voltei para mim o Sr. Quintino, creio, que defronte desta gente não terá o senhor a mesma petulancia de querer fazer acreditar que escreveu de boa fé taes cartas para *A Semana*. Vamos, explique-se, senhor romancista !

— Bem ! respondi, fazendo-me pallido e puxando para traz os meus cabellos— Bem ! vou fallar com franqueza. Ouçam-me com toda a attenção:

O auditorio armou um grande ar de concentração ; cada uma das pessoas presentes coucheou a mão na orelha e inclinou-se para o meu lado.

Senti-me intimidado. Bati na texta, revirei os olhos e disse.

— Meus senhores, querem encontrar a explicação de toda essa historia ? Querem ? Pois leiam um romance que vai apparecer no rodape do *Paiz*.

— E como se ha de chamar esse romance ? perguntou-me o Sr. Quintino. Ora faça-se de novas ! respondi eu— O senhor bem sabe qual é o titulo do romance que vou publicar no seu jornal.

E, dizendo isto, dei por acabado este livro, que, não é um romance, nem um tratado scientifico, nem um cathecismo nem um panfleto politico, nem um dictionario, nem tão pouco um livro de memorias ; mas simplesmente—um premio para os assignantes da *Semana*.

FIM

TRATOS Á BOLA

D'esta vez recebemos 14 cartas contendo decifrações referentes aos *tratos* ultimos, as quaes eram assignadas pelos seguintes senhores:

Pepino Felix, Fricinal Vassico, A. V. C., Honorio Esteves do Sacramento, Ruy Pimenta, Josephina B., Candido Neiva, J. da C. e S., Carez, Heleno, Philomeno, Samuel Truão, Francisco de Paula Rangel e Belmiro da Silva Figueiro.

Coube o primeiro premio ao Sr. Samuel Truão e o segundo ao Sr. Ruy Pimenta. Mandem buscar os seus premios. — Nada de ceremonias !

Eis as decifrações :

Das novissimas— *Espadachim e Jumento*; da ultra-novissima— *Barretina*; da antiga— *Maxima*; da monosillabica— *Proserpina*; das telegraphicas— *Catota e Covado* e da em quadro :

FALA
ANIL
LIMO
ALOA'

Para hoje temos as seguintes *tratices*:

LOGOGRIPO

(Por letras)

E' mineral—13, 1, 12, 13.
E' vegetal—12, 13, 5, 9.
E' animal—2, 9, 1, 13.
E' musical—12, 4.
E' numeral—8, 1, 3, 8, 13.
E' vegetal—8, 1, 6, 12, 9.
E' animal—13, 10, 11, 12, 9.
E' musical—6, 13.
E' numeral—6, 13, 1, 10.
E' vegetal—8, 9, 3, 3, 9.
E' animal—12, 9, 11, 13.
E' musical—10, 1.
E' numeral—10, 4, 11, 7.
E' animal—2, 9, 3, 10, 13.
E' numeral—13, 1, 11, 13.
E' animal—8, 9, 3, 9, 12, 13.
E' numeral—10, 7, 1, 10.
E' animal—8, 9, 10, 11, 13, 12.
E' numeral—11, 12, 7, 5.

E' animal—8, 13, 11, 1, 9.

E' numeral—6, 4, 5.

E' animal—1, 2, 9, 3.

E' numeral—11, 12, 9, 12, 12, 9.

E' animal—8, 1, 2, 9, 12, 12, 9.

E' numeral—13, 3, 5, 7.

E' animal—9, 12, 9, 12, 9.

E' numeral—13, 1, 11, 7, 3, 11, 9.

E' animal—13, 12, 9, 3, 2, 1, 3, 11, 9, 3, 2, 13.

E' numeral—11, 12, 4, 5, 7.

E' animal—9, 3, 11, 9.

Uma mulher muito bonita.

MUSICAL

Dó, ré, mi, fá, sól, lá, si—1

Si, lá, sól, fá, mi, re, dó—1

— Dó, re, mi, fá, sól, lá, si

Si, lá, sól, fá, mi, ré, dó.

TIBERCIANAS

1—2—A bordo e bom quando é bom, é bom quando é fiel.

2—2—Come-se a fructa no navio.

TELEGRAPHICAS

1—1—1—Tramoia no parlamento.

1—1—1—1—Politica e protecção.

1—1—1—Martello?! E' briga.

ENIGMA

Se mil e um ajuntares
Outros mil põe adiante,
Se mais nada acrescentares
Terás cousa mui galante.

PREMIOS

Ao primeiro decifrador exacto um volume dos *Nocturnos* de Gonçalves Crespo, edição de luxo. Ao segundo um exemplar da *Evangelina*, de Longfellow traducção de Americo Lobo.

Agradecemos ao Sr. X., *Mauico Quinquim*, *Jose Pereira Pegas* e *Marilia de Dirceu* as *difficuldades* que remetteram a

D. PASTEL.

Recebemos :

Quadros de hontem e de hoje. — Sob este titulo o Sr. Luiz de Andrade, que não é um desconhecido para o nosso publico, que o estima como escriptor de talento, reuniu em um volume de 306 paginas, editado pela casa Faro & Nunes, alguns folhetins e controversias devidos á sua penna, e apparecidos com verdadeiro exito, em varis jornaes.

Brevemente daremos nossa opinião ; por ora limitamo-nos a agradecer o exemplar que nos remetteu.

A Vespa, n. 17 — Está magnifica. A ultima pagina intitulada—*O cambio* é verdadeiramente optima, e as demais, como sempre — transbordam espirito. Quanto ao texto, muito bom.

Parabens ao Netto e ao Arthur Azevedo.

Revista Illustrada, n. 403. — O que havemos de dizer da *Revista* se não ha mais adjectivos possiveis para atiral-os ao Angelo e... ao Julio Verim ? Emfim, vai um já muito gasto — esplendida !...

Mequetrefe, n. 303, muito bom, traz, como sempre, na primeira pagina, o retrato de um commend... perdo ! do visconde de Nacar. As outras paginas são bem desenhadas e espirituosas.

Extrahimos do seu texto a seguinte

Quadrinha

Oh ! Quidam, diz-me aqui,
Porque indiscreto não sou:
O que pediste á Fanny ?
O que a Fanny te negou ?

CORREIO

SR. CARLOS SAMPAIO. — A sua poesia— *Sonho infantil* —é... Não, não diremos o que ella é. Se quer aprender a fazer versos compre uma artinha poetica e... estude.

SR. FRANÇOIS SEUL. — O seu *Esboço Unitario* ainda não pode ser lido por nós. Se for bom não teremos escrúpulo em publical-o.

SR. MANOEL OLIVEIRA. O seu soneto (ainda soneto...) que se intitula *Sonho* é, desculpe-nos a franqueza, muito pulha e... um asylo de versos quebrados. Faça cousa melhor e....

SR. OSCAR VERNEY (Serafim Duarte). — O seu nome não foi publicado no numero 18 d'A *Semana*, exactamente pela razão de já o haver sido no n. 17. Em cada numero da folha publicam-se sómente os nomes recebidos durante a semana e o total do numero de votos apurados. Agora uma observação: Não sabíamos que *Oscar Verney* era um pseudonymo; do contrario não teríamos contado o seu voto, pois resolvemos não aceitar pseudonymos n'este certamen.

ANNUNCIOS

Portuguez, Francez e Inglez
—Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

O BISBILHOTEIRO FAMILIAR

OU

O GAIATO DE SALÃO

Aparecerá brevemente.

DECLARAÇÃO

De hoje em diante, em vez de José Roberto Mendes, assignar-me-hei José Mendes. Abril 28 de 1885.

COMPENDIO DE MUSICA

traduzido e compilado por Julio Bueno. Vende-se na Campanha, em casa do traductor, a 2\$500 o exemplar.

Dr. Henrique de Sá.—Espec. Syphilis e molestias das crianças. Consultorio:— rua Primeiro de Março, 22; de 1 ás 3 horas da tarde. Residencia:— rua de S. Pedro, 294.

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

ERNESTO PINTO COELHO

SOLICITADOR

VILLA DE PADUA

DR. ARAUJO FILHO

MEDICO PARTEIRO

Residencia, rua do Visconde do Rio Branco n. 36

GAZETA MUSICAL

Revista quinzenal de theatros, musicas e bellas-artistas. Retratos das maiores notabilidades artisticas, biographias, artigos de critica, correspondencias de Paris, Londres, Berlin, Vienna, Milão, Leipzig, Hamburgo, Madrid e Rio de Janeiro, poesias, romances e sempre

24 PAGINAS DE MUSICA

4, 5, 6 e 7 peças de autores celebres, allemães, francezes e italianos

EDIÇÃO ESPECIAL PARA O BRAZIL

N 1

Publicado em 15 de Agosto de 1884

Assignatura mensal ou dous numeros..... 2\$ fracos
Com exclusão do porte de Correio para as provincias.

Acha-se completo o primeiro trimestre, comprehendendo 6 numeros encadernados em um só volume, ornando um magnifico album, proprio para presente.

Preço 6\$000

REPRESENTANTES NESTE IMPERIO

H. LAEMMERT & C.

66 RUA DO OUVIDOR 66

LIVRARIA UNIVERSAL



HOTEL NOVO MUNDO

Serviço profuso e variadissimo

Bons vinhos garantidos, salão reservado para banquetes, os quaes serão servidos conforme o preço que se ajustar

13 Rua Primeiro de Março 13

PROPRIETARIO

JOÃO DIOGO SOARES DE BRITO

EVANGELINA

POEMA

DE

H. LONGFELOW

TRADUÇÃO DE

AMERICO LOBO

Vende-se nas livrarias Faro & Nunes, Laemmert e Serafim Alves e no escriptorio desta folha, a

2\$000 o exemplar

JAMES E. HEWITT

PROFESSOR DA LINGUA INGLEZA

134 RUA DO ROSARIO 134

HOSPEDARIA FIEL

RUA DA ALFANDEGA N. 236 E TRAVESSA DE S. DOMINGOS N. 2

Os proprietarios deste vasto estabelecimento têm a honra de apresentar á concurrencia publica, bonitos quartos mobiliados, espaçosos e muito arejados, offerecendo toda a garantia de segurança, aonde os Srs. viajantes podem pernoitar livres de risco. Todos os compartimentos com linda vista tanto para a travessa como para a rua da Alfandega.

A casa está aberta toda a noite. Preços modicos.—Lima & Xavier.

RESTAURANT VOLTAIRE

29 RUA DA URUGUAYANA 29

Almoço. \$800 | Jantar.. 1\$000

Serviço asselado e profuso

Parece incrível que por tão modestos preços se possa comer tão bem! Pois venha verificá-lo. quem duvidar, á

29 RUA DA URUGUAYANA 29

CINCO DE MAIO

Ode heroica de Alexandre Manzoni, e tres versões em portuguez

Sendo uma de S. M. o Imperador

Prefaciadas e annotadas por M. O. Edição esmerada em papel chamóis. A venda nas livrarias dos Srs. Moreira, Maximino & C., rua da Quitanda 111; Faro & Nunes, Ouvidor 74; B. L. Garnier, Ouvidor 71; Custodio Garcia, Ourives 2 A; e J. G. Azevedo, Uruguayana 33. Preço 1\$000.